



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A *ousia* como sujeito em Aristóteles⁷²

Por: Remi Schorn⁷³

remis@hotmail.com

RESUMO

O percurso argumentativo, neste artigo, ater-se-á à *Metafísica de Aristóteles*, mais precisamente ao livro Z, para investigar o problema do ser, primeiro, substância, inteligência suprema e suprassensível – a *ousia* – imutável e sem a qual não há ser. Mostrar-se-á que no livro Z a *ousia* é o ser, é substancial enquanto objeto metafísico e a *ousia*, assim como aparece a nós, é um ser complexo, composto de matéria e forma, de ato e potência. Na filosofia primeira, o ser substancial é o determinante de todos os outros seres. A *ousia* não se modifica quando tudo o mais se altera. A *ousia*, que permanece imutável, orienta os demais seres, que dela não podem prescindir. Se para toda a matéria há forma, a maneira pela qual a matéria e a forma constituem a essência da coisa é como se conforma a *ousia*.

Palavras-chave: Matéria; Forma; Substância; Sujeito.

⁷² Publicado originalmente em IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica, abril/ 2015, Ano I, v. I, número III.

⁷³ É doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS e Universidade de Lisboa – UL, é mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ, especialista em Filosofia Política pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI e graduado em Filosofia pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – UNIJUI. É servidor público estadual, docente adjunto B, como professor de Filosofia, lotado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus Toledo. Atua no Conselho do campus da UNIOESTE – Toledo/ PR, é Pró-reitor de Extensão Universitária, Presidente do Comitê de Bolsas, do Conselho Editorial da Eunioeste, do Conselho de Ciências Humanas da UNIOESTE. É membro do Comitê Assessor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira – INEP E DO Comitê Assessor da Associação Brasileira das Universidades Estaduais – ABRUEM. Atua nas Linhas de Pesquisa: Linguagem e Justificação, *Unity of Science*, Dialética em Platão, Filosofia da Ciência, Racionalismo e Realismo e Metafísica e Conhecimento. É integrante do Projeto de Pesquisa O estatuto da racionalidade e sua crítica, é Coordenador no Projeto de Pesquisa O problema da legitimidade do conhecimento e integrante do Projeto de Pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologias – GPFCT - IFPR, como pesquisador-efetivo vinculado à Linha de Pesquisa Filosofia. É membro dos Corpos Editoriais dos periódicos: “Humanidades em Revista”, “Thaumazein”, “Cadernos de Iniciação Filosófica”, “Edunioeste”, “IF-Sophia: revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológica” e “Experiência – revista Latino-Americana de Extensão”. É revisor dos periódicos “Humanidades em Revista” e “IF-Sophia: revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológica”. É autor de artigos científicos em diversos periódicos nacionais. Autor dos livros “Como chegamos ao conhecimento?” (2012), “Epistemologia e história: de Kant a Popper” (2003) e “Doutrinas, o apoio dos intelectuais” (2001). É coautor dos livros: “Filosofia em curso II” (2014), “Percurso formativo no PIBID: propostas didáticas” (2014), “Crítica e utopia: perspectivas brasileiras e alemãs” (2012) dentre outros.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Resumo

*La argumentativa vojo, en tiu artikolo haltiĝas al la Metafiziko de Aristotelo, pli precize, al la libro Z, por enketos problemon de esti, unua, substanco, kaj superega inteligento kaj supersentema – la **ousia** - neŝanĝeblaj kaj sen kiuj ne ekzistas. Ĝi montras ke en la libro Z la **ousia** estas l esti, estas substanca kiel metafizika objekto kaj la **ousia**, kiel ĝi aperas al ni, estas kompleksa estaĵo konsistas el materio kaj formo, de akto kaj potenco. En la unua filozofio, la substanca estaĵo estas la determinanto de ĉiuj aliaj estaĵoj. La **ousia** ne ŝanĝiĝas kiam ĉio alia ŝanĝoj. La **ousia**, kiu restas senŝanĝa, gvidas la aliaj estaĵoj, ke ĝi ne povas malhavi. Se por ajna materio kaj formo, la maniero laŭ kiu materio kaj formo konsistingas esencon de la afero estas kiel sekvas **ousia**.*

Ŝlosilvortoj: Materio; Formo; Substanco; Subjekto.

Abstract

The route argumentative, this article will stick to the Metaphysics of Aristotle, more precisely to Z book, to investigate the problem of being, first, substance, intelligence and supersensible supreme - the ousia - immutable and without which there is. Show will be in the book that the Z ousia is being, as an object is substantial metaphysical and ousia, as it appears to us, is a complex being composed of matter and form, of act and potency. At first philosophy, the substantial being is the determinant of all other beings. The ousia does not change when everything else changes. The ousia, which remains unchanged, directs other beings, who cannot do without it. If for any matter is, the way in which matter and form constitute the essence of the thing is as it conforms to ousia.

Keywords: Matter; Form; Substance; Subject.

O termo “metafísica”, na filosofia de Aristóteles, denomina o princípio (*arché*), a *filosofia primeira* ou teologia que trata do que é real e que está além da física, da empiria, uma realidade meta-empírica. O ato primeiro é causa (*aitia*) plena, totalmente realizada, que ensina a tendência à aproximação constante do ser. Na *Metafísica*, Aristóteles chega a cada momento com mais eficiência ao objeto da filosofia primeira. As demais categorias do ser não são abandonadas, entretanto, permanecem orientadas apenas pela *ousia*, esta relação de primazia da substância primeira relativamente às demais é o que se chama relação *prós hen* apresentada nos primeiros



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

capítulos do livro Gama. Tal abstração lógica tem uma proximidade ontológica através da qual o raciocínio se fundamenta: de todas as categorias só a primeira se realiza em um ser completo e real merecedor da designação de ser. Necessariamente, a *energeia*, ser superior e exemplar de determinação, ultrapassa as outras categorias e pode ser apenas pensada como substância suprema, na qual nada mais interfere para a total realização da forma.

No livro Z, a *ousia* é considerada sujeito, o ser é substância enquanto objeto da metafísica e a *ousia*, assim como aparece a nós, é um ser complexo, composto de matéria e forma, de ato e potência. Na filosofia primeira, o ser considerado enquanto substância é o determinante de todos os outros seres. Trata-se do que não se modifica quando tudo o mais se altera. A *ousia* permanece imutável e as demais formas de ser, sem ela não são ser. Se para toda a matéria há forma, a maneira pela qual a matéria e a forma constituem a essência da coisa é o problema do livro Z.

Aristóteles contestou a existência do princípio do uno-bem transcendente e, com isso, criticou a doutrina dos princípios e a teoria das ideias de Platão. Ele pensou de forma distinta a realidade *suprassensível* que, para ele, é o pensamento do pensamento, a inteligência suprema com função de princípio, o motor imóvel de todas as coisas, um princípio para as realidades teóricas e físicas. O problema que Aristóteles enfrentou e ao qual forneceu resposta, segundo nosso juízo, é que, sendo as causas e princípios concebidos como suprassensíveis e transcendentos, haverá um hiato entre causas e princípios e os objetos. Estes, os objetos, não serão mais adequadas fontes para fornecer a origem dos conhecimentos relativos a sua causa, nem da causa da sua existência. Por isso, pode-se pensar a *ousia* como imutável e, ao mesmo tempo, como sujeito de orientação dos demais seres. Ela é imprescindível para toda a existência e é por ela que não só tudo existe como pode ser conhecido. Assim, sempre que há matéria há forma e ambas constituem a essência de todas as coisas, eis como se conforma a *ousia*.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em Aristóteles, há duas doutrinas distintas entre si: 1) o sensível tem uma estrutura inteligível imanente; e 2) o inteligível não é transcendente, mas sim a inteligência. Ele refez a verdade platônica de que o sensível existe porque há o suprassensível. Ele individuou o suprassensível em: a) pensamento que pensa a si próprio - primeiro motor imóvel; e b) realidades que vêm de fora: - realidades análogas ao primeiro motor, entretanto, hierarquicamente inferiores; realidades sucessivas e hierárquicas umas às outras; almas intelectivas existentes nos homens.

O inteligível de Platão passa à Inteligência em Aristóteles. O *mundo das ideias* de Platão constitui em Aristóteles a trama inteligível do sensível. Assim, pode-se falar de fenômenos, de suas formas ancoradas à matéria, que progressiva e hierarquicamente se elevam até a pura forma imaterial, a inteligência. Ao negar o princípio do uno-bem impessoal e reafirmá-lo como inteligência suprema, Aristóteles amplia a especulação filosófica uma vez que o mundo das ideias está, agora, disposto como integrante da inteligência. Para alcançar conhecimento científico, trata-se de investigar as causas da sabedoria: material, eficiente, formal e final. A *episteme* é prática quando política ou ética; é poética quando retórica e teórica quando contempla o que é.

O problema da metafísica é saber se podem existir coisas separadas e imóveis, uma vez que, na física, tudo o que há é não separado e móvel e, na matemática, o que há é não separado e imóvel. *Meta ta physica* designa originalmente *depois* da física, mas, na tradição aristotélica, designa a *ligação* dos objetos às ciências, pois aqueles são qualidades em todos os seres e não das ciências em si. A metafísica geral é ontologia; a especial é teologia. A arqueologia investiga as causas primeiras, a ontologia investiga o ser enquanto ser e a *ousiologia* investiga o que tem o ser em si, ou seja, a ciência do saber enquanto em *osio schole* escola, filosofia, quando *to on legetai pollachos*, o ser se diz de várias maneiras. A *ousia* ou substância é a categoria por excelência para dizer o ser. As outras são por ela e remetem a ela. É aquilo que o sujeito não pode mudar



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sem deixar de ser ele mesmo. A *ousia* só aparece como sujeito dessa orientação que os demais seres têm relativamente a ela que é a essência. Assim, quando dizemos “Sócrates é homem” – *ousia*; “Sócrates é filósofo” – qualidade; “Sócrates tem 1m65cm” – quantidade; “Sócrates é pai de Lâmpocles” – relação; “Sócrates está na Ágora” – lugar; “Sócrates tomou cicuta no dia da sua execução” - tempo.

Pierre Aubenque (1977) diz que o ser é sua essência apesar de nunca se confundir com essa essência, sendo formado e qualificado pelos acidentes, que não se relacionam entre si, mas com o *to ti eneinai*, o que é o ser essencialmente imanente. Aristóteles critica Platão por usar *to ti estim*, que responde pelo universal e que é o mesmo em todas as coisas, excluindo a matéria, que somente pode entrar como accidental na definição de homem. O divino é o perfeito em repouso, é metafísico, não tem poder, o movimento mais próximo ao perfeito é o circular das coisas celestes. A física, onde há movimento necessariamente, encontra fundamentação no repouso da metafísica. No livro Z, Aristóteles busca a fundamentação para a sua física no aquém da física e do movimento; entretanto, é necessária a inclusão da matéria para a definição dos termos inteligíveis. A definição só pode usar as partes se são anteriores ao todo, que dará significação às partes. Existem partes não dispensáveis. Para Aristóteles, pode haver separação entre ser e *ousia*, ela é o objeto inter-relacionado enquanto o primeiro é motor. “O ser significa, de um lado, essência e algo determinado, de outro, qualidade ou quantidade e cada uma das outras categorias” (ARISTÓTELES, 1028a). A matéria é incognoscível, ininteligível e as formas sensíveis são inteligíveis, mas, na definição de forma, entra a matéria e a ininteligibilidade da coisa. A matéria sensível está sujeita à mudança. A matéria inteligível está nas coisas sensíveis, entretanto, não enquanto sensível.

A substância é sujeito dos demais seres

A substância realmente deve ser chamada de ser em sentido próprio e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

primeiro. Ao tratar dessa questão, ele evidencia o sentido inerente na metafísica, da substância como sujeito:

É ser quem caminha, quem está sentado e o que está sadio. E estes, com maior razão, são seres porque seu sujeito é algo determinado (e justamente isso é a substância e o indivíduo), o qual está sempre contido nas predicções do tipo acima referido: de fato, o bom ou o sentado não se dizem sem ele. Portanto, é evidente que cada um daqueles predicados é ser em virtude da categoria de substância. Assim, o ser primeiro, ou seja, não um ser particular, mas o ser por excelência é a substância. (ARISTÓTELES, 1028a 25/30).

A substância é efetiva enquanto sujeito objetivo e existente, o qual é o objeto mesmo da filosofia primeira. Aristóteles, ao transformar o objeto de toda a investigação, que antes era baseada na pergunta pelo ser, e passar a perguntar pela substância, modifica igualmente o objeto primordial, único da investigação, que passa a ser a natureza do ser, tomada enquanto parte que não se modifica e que é geradora. Para justificar essa posição, contudo, Aristóteles faz uma contundente defesa: ele afirma que a substância absolutamente primeira tem a mesma forma na ordem lógica como na ordem ontológica, na ordem teórica como na prática. A substância é a única categoria que pode ser separada, já que as demais, sem exceção, possuem um sujeito distinto delas mesmas, a substância (ARISTÓTELES, 1028a 35). É quando sabemos o que é a substância de determinada coisa, que realmente é essa coisa, e não o sabermos apenas de suas relações, qualidades ou quantidades, que são as demais categorias de ser, mas que, contudo, têm sua existência vinculada à inerência em um sujeito determinado.

A filosofia aristotélica permanecia, porém, com um problema, cuja solução permitiria a definição da *ousia*. O problema da conciliação entre ser e vir-a-ser, entre o que permanece o mesmo e o que muda. Por isso, Aristóteles sustentou que deve ser assegurada a identificação entre ser e *ousia*, apesar de ser imprescindível uma abertura para tratar da questão do movimento. Tanto substância imóvel e perfeita, como as substâncias compostas, múltiplas e finitas do mundo sublunar, do conceito de ser têm



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que poder ser predicadas.

A substância é entendida, se não em mais, pelo menos em quatro significados principais: considera-se que substância de alguma coisa seja a essência, o universal, o gênero e, em quarto lugar, o substrato. O substrato é aquilo de que são predicadas todas as outras coisas, enquanto ele não é predicado de nenhuma outra. (ARISTÓTELES, 1029a)

O substrato é candidato forte a ser substância, entretanto, o substrato primeiro, em sentidos distintos, é matéria e (é) forma e, ao mesmo tempo e em outro sentido ainda, o resultado conjunto de ambas. Tendo definido o sujeito como *ousia*, “ela é o que não se predica de algum substrato, mas aquilo de que todo o resto se predica” (ARISTÓTELES, 1029a 5/10). A *ousia* é também complexa, por ser predicada da matéria. Fica ainda por explicitar qual é o elemento essencial dentro do próprio sujeito. Primordialmente, qual elemento pode ser chamado de ser em primeiro lugar.

O composto

A investigação passa agora para os sentidos possíveis do termo sujeito. Uma vez que o composto é fruto da matéria e da forma, não há dúvida, a classificação já está dada. No entanto, o nó principal que Aristóteles insiste em desamarrar é a identidade do sujeito à matéria, o que poderia levar a invalidar o modelo metafísico, na perspectiva do conhecimento do ser. Surge, então, o questionamento sobre a matéria enquanto possibilidade de ser sujeito, já que, se algo estiver privado de atributos, é a matéria que restará. “Com efeito, se a matéria não é substância, escapa-nos o que mais poderia ser substância, porque, uma vez excluídas todas as outras determinações, parece que não resta mais nada além dela” (ARISTÓTELES, 1029a 15). As afecções e potências, o comprimento, a largura e profundidade não são substâncias e, sim, quantidades. “É substância o substrato primeiro ao qual inerem todas essas determinações” (ARISTÓTELES, 1029a 15).

Aristóteles identifica a matéria, na metafísica, com o absolutamente



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

indeterminado em si e, assim, ofuscado para a inteligência. Já o potencial de inteligência e determinação não devém de si próprio, mas da forma que constitui esse ser e, por isso, não pode admiti-la como sujeito primeiro de atribuições. Isso seria tomar como objeto algo que o saber metafísico não pode alcançar. Por conseguinte, o substrato último não seria em si mesmo um ser particular, por não ter uma quantidade particular nem qualquer outra caracterização positiva. Assim, o substrato último é a negação de tudo isso, pois as negações só lhe pertencerão por acidente. A substância no livro Z não é, entretanto, matéria já que esta ser indeterminada e aquela definível e maximamente determinável e primeiro.

A matéria, dissociada da forma enquanto matéria-prima anterior a toda definição, não é objeto de ciência, somente o é quando presente em um ser composto provindo da forma. Isso por faltar-lhe uma fundamental característica, exigida pela metafísica: a forma. A matéria não é separável, individualizável e, por isso, não se constitui em objeto de conhecimento. Em si e dissociado da forma pela qual é determinada, a matéria não é considerada como primeira, o que demandaria abrir mão da filosofia primeira, cujo objeto é o individualizado. Da mesma forma, não poderia considerar o ser como ato perfeito, *energeia*, e, assim, totalmente indeterminado. Parece-nos, portanto, que a forma é que ocupará o posto de objeto por excelência da investigação metafísica.

Tendo em vista a questão do movimento, surge nesse ponto um raciocínio que nos remete ao entendimento de que, tanto a matéria quanto a forma, não são gerados, pois são externas. Só o composto é que estaria na condição de gerado. Contudo, neste caso, a *ousia*, que nasce, vive, muda e morre, ou seja, a modificação do ser concreto, real, tem especificidades que só são possíveis de entendimento com abordagens mais profundas sobre a questão do movimento, Mas, discutir isso não é nossa intenção neste momento, já que o objeto é, agora, o ser composto e seus elementos.

Juntamente com a matéria, que é ser desordenado e caótico, na estrutura do



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ser concreto atua um elemento individualizante, ordenador e determinante. Logo, a geração e a corrupção dos seres podem, então, ser mais bem compreendida como correspondendo, respectivamente, a processos de composição e decomposição do ser. A partir de componentes estáticos e eternos nos é possível compreender o dinamismo do sujeito pelas relações que, entre si e no seu interior, estabelecem a matéria e a forma. Esses dois elementos estão exercendo posições antitéticas e, ao mesmo tempo, complementares, causando um constante atrito entre ambas. Forma pura é, então, o atributo do ser primeiro e objeto que ocupa o posto mais alto dentre os seres e, por sua vez, o não ser é a matéria, enquanto absolutamente indeterminada, pura potência.

As classificações, na composição dos seres, em matéria e forma possibilitam percebermos o movimento e o grau de perfeição dos seres e, assim, sua autonomia, a qual é determinada pela primeira. A unidade do ser material e composto, porém, não pode ser compreendida pela composição do ser individual e concreto em matéria e forma, permite, contudo, a elaboração de uma definição ser sobre ele. É ainda oculta a raiz dessa unidade, já que na matéria e na forma é ressaltada a presença de partes, que no caso do composto, são posteriores a ele, enquanto as partes da forma têm que estar presentes na definição.

Aristóteles entende que distinguir entre as partes provenientes da matéria e as que são determinadas pela forma é tarefa difícil, já que não se apresenta como algo claro na definição, por referir-se à forma e não ao composto, nem à matéria. Não é, pois, possível identificar como a mesma coisa, *quididade*, e ser individual nos seres compostos. O ser concreto traz consigo características próprias de sua materialidade. As substâncias absolutamente simples é que podem ser definidas adequadamente. No entanto, não existe identidade com a *quididade* nas coisas que são de natureza material, ou que formam um composto com a matéria. Desta forma, tanto na unidade como na definição, há dificuldade, diga-se a propósito, pois o estagirita considera qualquer definição como frágil, mas ainda assim afirma que “a definição é uma noção



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que tem caráter de unidade e que se refere à substância; portanto, ela deve ser enunciação de algo uno: a substância, efetivamente, significa algo uno e algo determinado” (ARISTÓTELES, 1037b 25).

Aristóteles explica a essência de maneira geral e, nos casos específicos, mostra que ela é subsistente por si e faz perceber por que, ao enunciar-se a essência das coisas, enunciam-se, concomitantemente, as partes do definido, mas não as partes materiais que não estão incluídas no enunciado da substância. Isso porque tais partes não são partes de tal substância e sim do todo concreto, do qual, de certo modo, há e não há enunciado (ARISTÓTELES, 1037a 25).

Platão em sua teoria da extromissão havia identificado o ser com a ideia abstrata e universal; Aristóteles, ao contrário, em sua teoria da intromissão o definira como forma. No livro Z ele discute a possibilidade de considerar a *ousia* como *eidos*, o que passa a ser de difícil tratamento para ele, entretanto, demonstra que a metafísica pretende dar conta das coisas materiais e concretas. Mesmo assim, a não reconstrução do conceito teria sido de grande utilidade para Aristóteles, para quem o ser individual é tal na medida da substância e o modelo metafísico chega ao seu auge ao investigar esse ser. Daí que nos é possível afirmar que existe uma contradição com relação ao objeto da *filosofia primeira* e o modelo de ciência que se aplica a ela. A única explicação para superar tal contradição é de que tal filosofia tem vocação natural à teologia. Assim é possível igualar ser e forma, que merecerá ser chamado de ser.

Contudo, o ser, em seu sentido real, independente e que não reconhece superioridade, não necessariamente teria, como forma para ser apreendido, a definição, já que este ser se apresenta enquanto o que existe efetivamente como simples e é objeto de verdades, sem necessidade de intervenção do raciocínio. Ademais, o processo mental humano que permite refletir por meio de raciocínio faz conhecer a totalidade da sua restrição interior ao procurar manifestar a disposição da asserção, que presume a diferença de sujeito e de seu predicado, apresentando aí a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

composição e a divisão naquilo que o intelecto demonstra por meio do aspecto subjetivo da experiência vivida. Aspecto, aliás, que é constituído por todos os atos de compreensão que visam a abarcar o objeto, como o perceber, o lembrar e o imaginar, o qual é singelo e igual a si próprio. Ao abandonarmos, porém, o ser composto, a matéria, na condição de componente sombrio para a exegese pela sua não determinação, surge na condição de responsável pelas más condições, ou, nas palavras de Aristóteles, na precariedade da cognição proporcionada pela definição, com referência às coisas relativas à matéria.

A forma

Aquilo que subsiste por si perfeitamente é, pois, a configuração, tida enquanto motivação do ser, nos seres naturais, incluindo a causa eficiente e final. É possível, então, a definição da *filosofia primeira* como ciência da substância. Referir-se, portanto, à causa do ser é referir-se à forma desse ser. Poder-se-ia pensar que a fundamentação para tal identificação estivesse na teoria do *ato primeiro*. Aristóteles, contudo, diz ser a substância um princípio e uma causa e que isso pode, talvez, esclarecer o que ela realmente é, além de estar separada das coisas sensíveis. Na condição de princípio e causa, a substância será, pois, agora, no capítulo “17” do livro Z, identificada à forma. “A larga discussão que Aristóteles consagra no livro Z à questão de saber o que constitui o elemento substancial das coisas termina na declaração de que é a forma ou essência” (ROSS, 1957, p. 247).

Segundo o estagirita, questionar sobre o porquê do ser das coisas não é algo adequado teoricamente. O questionamento primordial não é com relação ao ser, não objetiva o ser da coisa, mas a sua substanciação. Porém, o antagônico é que de fato merece atenção, já que este é o dado evidente e primeiro, anterior, na *filosofia primeira*. O simples questionamento sobre o porquê do ser introduz, no ser, a negatividade, já que assim ele poderá não ser o que é. A identidade, bem como a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

existência do ser, são componentes constituintes do dado evidente. A pergunta “por que o ser é o que é?”, desta forma, não é um questionamento propriamente dito, para Aristóteles, pois “o objeto da pesquisa não é claro, sobretudo nos casos em que não há referência de um termo a outro: por exemplo, quando perguntamos o que é o homem, o objeto da pesquisa não é claro, porque usamos uma expressão simples” (ARISTÓTELES, 1041b).

A respeito do ser mesmo da coisa não cabe perguntar e sim sobre se um determinado predicado pertence ou não a um determinado sujeito. Trata-se de reformular a pergunta que quer saber por que o ser é o que é, ou, explicitá-la. Tal questionamento não ultrapassa a pergunta sobre a forma, a qual faz da matéria o ser definido. A forma é, primordialmente, constitutiva do ser. “É preciso desenvolver a pesquisa depois de ter articulado bem a pergunta, caso contrário será o mesmo investigar alguma coisa e não investigar nada. E dado que a coisa deve ser dada e existir previamente, é evidente que se investiga por que a matéria é uma coisa determinada” (ARISTÓTELES, 1041b 5). Trata-se, portanto, de tornar a questão clara o suficiente para evitar que a busca não tenha objeto definido e, assim, procurar-se por algo sem ter para onde olhar.

A procura essencial da filosofia – originariamente na tentativa de encontrar um elemento constitutivo de todo e qualquer ser – estava errada ao tentar fundamentar, a partir do aspecto material dos seres, já que esse elemento constitutivo é, pois, formal. Aristóteles, por isso, tem um cuidado especial; contudo, ao mesmo tempo em que admite a anterioridade da forma pura, na qual a *filosofia primeira* encontrará seu objeto, deixa claro que isso não quer dizer que deva ser admitida sua existência em si. “Deve-se talvez admitir que exista uma Esfera além das sensíveis, ou uma Casa além das de tijolos? (a) Não, pois, se fosse assim estas formas nunca se teriam tornado determinadas. (b) Elas indicam, sobretudo, a espécie de algo e não são algo particular e determinado” (ARISTÓTELES, 1033b 20). A forma não é individual e

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

definida ; entretanto, ela indica alguma qualidade a partir do ser determinado.

Tanto a forma quanto a causa são distintas da ideia platônica; igualmente, assim, é dispensada a existência separada como algo eterno dos seres a serem gerados. A eternidade de ambos está intimamente vinculada à realização em indivíduos idênticos. Por essa razão, o ser é gerado por outro ser que tem forma idêntica, posto que o ser gerador é suficiente à produção da forma da matéria. Fica esclarecido, portanto, que Aristóteles não acha necessário estabelecer uma forma como modelo, pois o criador é apto para a criação do produto, ele é que dá forma à matéria.

A Metafísica

O conceito de metafísica, em Aristóteles, implica reconhecer como objeto o ser mais alto e perfeito do qual dependem todos os outros seres e coisas do mundo. A prioridade atribuída à metafísica indica, então, do caráter privilegiado do ser que é objeto desta. Ou seja, o ser superior ao qual todos os demais se subordinam.

Poder-se-ia afirmar que a metafísica assume um duplo aspecto, como ciência do ser enquanto ser, e o que antes mencionamos, ou seja, ontológico e teológico. Aristóteles afirma que, se algo existe de eterno, imóvel e separado, é a uma ciência teórica que compete conhecê-lo. Não compete à física nem a matemática conhecer o que é eterno, e sim, a uma ciência superior a ambas. A física trata de seres que existem separadamente e que são móveis; enquanto a matemática trata de seres imóveis e que talvez não existam separadamente; ao passo que a ciência primeira estuda os seres imóveis e que existem separadamente. Para o estagirita existem, portanto, três filosofias teóricas: a matemática, a física e a teologia, sendo a última a mais alta entre todas. “Se existe o divino, não há dúvida de que ele existe numa realidade daquele tipo. E também não há dúvida de que a ciência mais elevada deve ter por objeto o gênero mais elevado da realidade” (ARISTÓTELES, 1026a 20).

Neste sentido, a metafísica estuda os caracteres de cada ser e considera que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

existem determinações necessárias do ser, as quais nenhuma forma ou matéria podem deixar de ter, pois tais determinações estão presentes em todas as formas e matérias de seres particulares. Contudo, existem ciências que têm por objeto uma maneira de ser particular isolada em virtude de princípios oportunos. Assim, deve existir uma ciência que tenha por objeto as necessidades do ser, que precede a todas as outras e é por isso *ciência primeira*, enquanto seu objeto está implícito nos objetos de todas as outras ciências.

As posições, no livro Z, conduzem à compreensão de que a metafísica trata da substância, aquilo que é e não pode não ser. Aristóteles se dá conta das limitações de sua *filosofia primeira*, principalmente com relação ao conhecimento dos seres individuais, o que já não ocorre com referência a seu modelo. A ciência e sua definição não parecem apresentar problemas, mas sim a materialidade do ser individual e concreto. O modelo de ciência – enquanto ciência primeira – permite conhecer o objeto próprio e primeiro. A materialidade, porém, torna imperfeitos os outros seres, que somente são semelhantes em alguns aspectos. Assim, o que impede que a filosofia conheça plenamente os objetos materiais é o objeto sensível, e não o modelo de ciência adotado.

A substância é o composto de matéria e forma quando é ocorrência particular, então, a substância é uma forma unida à matéria, e é, também, a forma em sentido pleno. A *ousia*, entretanto, é distinta das demais categorias, por tratar do *to ti estin*, o que é, ou *to deti*, isso. O que é nomeia *to ticucinoi* ou *to katholou*, universal, ou, ainda, *to génios*, gênero. Isto é *to hipokermenon*, que é substrato de *hyle*, matéria e *lidos*, forma. Esse composto de forma e matéria é forte candidato a ser *ousia*.

Portanto, não é possível haver definição nem demonstração das substâncias sensíveis e individuais, isso porque, essas substâncias têm uma matéria cuja natureza tem potencial de ser e de não ser. No entanto, a limitação da materialidade não é a única percebida por Aristóteles para o indivíduo ser conhecido. Existe ainda outra



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ordem de objetos que se prendem à linguagem, incapaz de captar o indivíduo, mas com a finalidade de expressar indivíduos em classes determinadas. Aristóteles entende a definição como composta de palavras estabelecidas pelo uso e comuns a todos os membros da classe que designam (ARISTÓTELES, 1040a 16). Entretanto, quando o estagirita trata o indivíduo concreto enquanto objeto da sua metafísica é possível perceber que a filosofia de Platão continua presente em seu horizonte. Reflexo disso é que não consegue assumir até o fim a sua *filosofia primeira*, cujo objeto seria o mundo concreto e mutável, o mundo dos homens.

O ser individual é classificado por Aristóteles na categoria da substância, ou seja, na categoria primordial de sujeito. As categorias da substância, por sua vez, compõem os gêneros mais gerais do ser e são irreduzíveis umas às outras. Assim, o ser, tido segundo cada uma das categorias separadamente, originará sempre uma das ciências especiais que estudam esse mesmo ser. E, então, para a *filosofia primeira*, competirá apreender o ser apenas segundo a primeira dessas categorias, característica que a diferenciará das demais ciências, as quais estão em um plano inferior em relação à primeira. A individualidade, neste sentido, é suficientemente compreendida a partir da identificação da matéria com a forma.

Contudo, as demais categorias e sua reunião essencial não são englobadas na constituição do indivíduo, o que implica constatar que existe um maior alinhamento da metafísica com a concepção do ser enquanto relação. É verdade, porém, que Aristóteles, no livro quatro da *Metafísica*, ressalta o princípio de identidade e, portanto, nega, precavidamente, essa possibilidade. A exclusão das demais categorias do corpo específico da *filosofia primeira* pré-estabelecem como necessária a identificação do indivíduo à forma, que acontece no livro Z, capítulo “17”. “A substância é a causa primeira do ser. E dado que algumas coisas não são substâncias, e todas as que são substâncias são constituídas segundo a natureza e pela natureza, a qual não é elemento material, mas princípio” (ARISTÓTELES, 1041b 30), nos seres compostos a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

identificação nunca se realiza inteiramente, pois o indivíduo é reduzido a uma simples variação causal do universo. O que é causa e princípio, ao mesmo tempo, é suprassensível e transcendente. Há, assim, um hiato entre o princípio e os objetos, de forma que aqueles não são úteis para fazer emergir nem a causa do conhecimento nem a causa da existência de tais objetos, pois a causa *essendi et cognoscendi* dos objetos não pode estar separada de tais objetos. Isso talvez explique a precariedade do ser composto, bem como de uma possível ciência de tal ser. Assim, se o que pode ser predicado, como quando Aristóteles afirma que é ser quem caminha, quem está sentado e o que está sadio, isso acontece porque seu sujeito, nesses casos, é algo determinado, havendo, portanto, a identificação de sujeito, substância e indivíduo em tais predicções, logo, a *ousia* é o sujeito.

Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Edição trilingue (grego, latim, espanhol). Tradução de Valentin Garcia Yebra. Madrid: Gredos, s/d.

_____. *La Metaphisique*, Tradução de J.Tricot, Paris: Vrin, 1966.

_____. *Metafísica: ensaio introdutório*. Tradução de Marcelo Perine. Vol. I, II e III. São Paulo: Loyola, 2002.

AUBENQUE, Pierre. *Le Probleme de l'etre chez Aristote*. Paris, P.U.F. 1977.

ROSS, David W. *Aristóteles*. Buenos Aires: Sudamerica, 1957.

ROSS, David W. *Aristotle Metaphysics: A revised text with introduction and commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1953.